

A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM OFICINAS DE ARTE-EDUCAÇÃO

Autora: Mara Rosana Leston Cezar

Posgraduanda em Artes-Ensino em Percursos Poéticos

RESUMO

O presente artigo abordará a experiência de aplicação do projeto DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA PARA APLICAÇÃO NA ESCOLA REGULAR para alunos do ensino fundamental do Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente, CAIC-FURG, e alunos do ensino médio do Centro de Convivência Meninos do Mar, CCMAR, no ano de 2009. O projeto, resultado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ/FURG, buscou a pesquisa, desenvolvimento e análise de uma metodologia a ser aplicada em sala de aula para estudo e produção cinematográfica capaz de proporcionar ao educando a sua assunção enquanto indivíduo e sujeito sócio-histórico-cultural do ato de conhecer, emancipando-o, conferindo-lhe autonomia (FREIRE, 1999) enquanto subjetividade diversa inserida em um grupo, através da produção coletiva de um filme curta metragem. A abordagem metodológica situou-se no campo da pesquisa-ação, buscando superar a clássica dicotomia entre teoria e prática. Assim, a pesquisa deu-se em interação com o objeto pesquisado, através da aplicação direta da metodologia aos educandos, através de aulas expositiva, teórica e prática, sobre os conteúdos de cinema e técnicas básicas de uma produção cinematográfica, a elaboração de um roteiro coletivo e produção de um curta metragem, considerando os eixos norteadores do ensino em arte visados nos PCNs que são: produzir, apreciar e contextualizar as artes. Os dados para análise da pesquisa foram obtidos através da observação do processo de ensino/aprendizagem dos alunos dos conteúdos em cinema, bem como da observação da interação social ocorrida durante a produção do filme coletivo, tendo a arte como instrumento social (VYGOTSKY, 2001). A análise qualitativa dos dados seguiu uma adaptação de acordo com a evolução das atividades e informações delas emanadas (TRIVINOS, 1987).

Palavras-chaves: Cinema; Ensino de Arte; Produção cinematográfica.

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido visou a pesquisa, desenvolvimento e análise de uma metodologia a ser aplicada a alunos do 9º série do ensino fundamental, e 1º a 3º séries do ensino médio, para estudo e produção cinematográfica capaz de proporcionar ao educando a sua assunção enquanto indivíduo e sujeito sócio-histórico-cultural do ato de conhecer, emancipando-o, ou seja, conferindo-lhe autonomia (FREIRE, 1999) enquanto subjetividade diversa inserida em um grupo, sua sala de aula, através do trabalho coletivo de produção de um curta metragem.

A diversidade de identidades individuais (indivíduos) possíveis de serem encontradas em uma sala de aula é imensa. Ao mesmo tempo que estas identidades são diversas, procuram um eixo comum a fim de serem aceitas pelo grande grupo, ou quiçá simplesmente não excluídas, o que pode se dar através de uma assunção de modelos comportamentais impostos pela mídia, com a reprodução sistemática de estereótipos, ou ainda, por um isolamento do grupo mediante comportamento retraído e tímido. Tanto em um como noutro caso, o comportamento assumido é contraproducente para o processo ensino/aprendizagem em uma prática educativa-crítica que procura a formação integral do aluno, uma vez que não denota a assunção do “ser eu” enquanto cidadão e indivíduo dotado de uma subjetividade ímpar e atuante. A ausência de assunção identitária é fator de alienação, que mantém o indivíduo longe da possibilidade de atingir sua autonomia. No dizer de Paulo Freire: (FREIRE, 1999, pág 46):

Uma das tarefas mais importantes da pratica educativa-critica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do “tu” que me faz assumir a radicalidade de meu eu.”

Corroborando, Momberger (2000), considera que a construção identitária do sujeito, acontece mediante a dialética de tais momentos, que são opostos e complementares – interno/externo, psíquico/material, imaginário/real, subjetivo/objetivo, individual/coletivo.

Essa dialética se coloca enquanto problema a ser enfrentado pelo arte educador em sala de aula, que tem em mãos além do estudo dos conteúdos, os aspectos afetivos, emocionais, cognitivos e relacionais a serem considerados no processo ensino/aprendizagem.

Partindo do preceito de que pensar sobre arte e aprender a fazer arte requerem experiências organizadas de forma sistemática e pensando a arte como metáfora do cotidiano a estimular a “estesis” (sentidos) e a capacidade do educando em assumir-se, e, portanto, emancipar-se, digno e autônomo, o trabalho desenvolvido em sala de aula teve por objeto desenvolver uma metodologia específica para o estudo e produção cinematográfica que contemplasse a diversidade de identidades presentes em sala de aula, através de um trabalho coletivo de produção de um curta metragem, proporcionando a todos do grupo meios de se identificarem enquanto indivíduos atuantes e dotados de capacidades diferenciadas e necessárias para a construção de um projeto coletivo.

Escolher o cinema, sua produção e sua história como eixo temático a ser trabalhado para alcançar tais objetivos ocorreu em função deste tratar-se de uma linguagem artística contemporânea e de acesso geral. O surgimento de tecnologias populares como as câmeras e celulares digitais de baixo custo, colocou ao alcance do grande público meios de captação de imagens em movimento. Estas, antes vistas e sentidas quase que como um grande milagre, agora são corriqueiras, permeando a realidade de todos.

Assim, trabalhar estas imagens em movimento, através da criação cinematográfica, impondo a sistematização da produção e entendimento da linguagem oculta do cinema, procurou elevar essas experiências corriqueiras a uma experiência artística, capaz de proporcionar ao educando um olhar apurado sobre a sua realidade, como caminho a uma assunção identitária pela execução de um trabalho em grupo.

METODOLOGIA UTILIZADA

Inicialmente, o projeto previu como métodos de pesquisa aulas expositiva, teórica e prática, sobre história do cinema e técnicas básicas de uma produção cinematográfica, a elaboração de um roteiro coletivo e produção de um curta metragem. A observação da participação e interesse dos alunos envolvidos no processo ao longo da execução da tarefa e a coleta de dados referente à observação, através de fotos, gravações e filmagens para análise qualitativa dos dados.

O tratamento e a interpretação dos dados seguiram uma adaptação de acordo com a evolução das atividades e informações, por elas produzidas, pois num estudo qualitativo Triviños (1987, p.137) afirma que:

Ele se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações.

Assim, como todo o processo criativo, não havia como prever exatamente o resultado das atividades, não havia como prever o próprio transcorrer da atividade, pois o descobrir o transcurso foi o objeto principal da pesquisa, que pretendeu a exploração de processos espontâneos.

Caminhar em direção à emancipação humana, tarefa individual e coletiva, exige este aprendizado, o de romper com as estruturas formais, tradicionais de formação acadêmica. Nesse sentido, esta metodologia de pesquisa se aproxima da pesquisa-ação, definida por Michel Thiollent (1985, p. 14) como:

(...)um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo(...)

Para aplicação do projeto, foram escolhidos dois outros projetos em andamento na FURG, a saber:

1) PROJETO CRIAR-TE, consistente em sete oficinas de arte com cinco horas aula cada (totalizando 35 horas aula), aplicadas para alunos de ensino fundamental da Escola CAIC;

2) PROJETO PINCELADAS EM ARTE, consistente em quatro oficinas de arte também com cinco horas aula cada (totalizando 20 horas aulas), aplicadas para alunos de ensino médio do CCMAR.

Em ambos os projetos, a longa duração das oficinas facilitou muito a aplicação da presente proposta de trabalho.

APLICAÇÃO JUNTO AO PROJETO CRIAR-TE- CAIC-Ensino Fundamental.

Iniciando o primeiro encontro para aplicação do projeto no CAIC, foi apresentada à turma os objetivos da oficina, consistentes em conhecer a linguagem cinematográfica e, de posse desse conhecimento, a produção, pela turma de um filme curta metragem, e, na seqüência, passou-se a uma conversa livre com os alunos sobre suas preferências pessoais quanto ao cinema, bem como sobre assuntos gerais, buscando levantar as influências e repertório fílmico do grupo. A turma demonstrou a preferência por filmes do gênero *terror*.

Quando todos os integrantes da turma chegaram, foi entregue aos alunos material para produção de máscaras¹ para exercício do olhar. As máscaras, confeccionadas no formato de um recorte de quadro de filme cinematográfico, funcionaram como um objeto mediador do olhar do aluno e a realidade, bem como um simulador do olhar da câmera cinematográfica. A turma foi convidada a olhar a realidade através da mesma, focalizando o raio de visão dentro de um formato semelhante ao de uma tela de cinema. Com isso, os alunos puderam “mascarar” a forma natural do olhar humano, que tudo enxerga com um enquadramento oval, enquanto o cinema se apresenta como um olhar artificial delimitado por linhas paralelas horizontais e verticais, recortando a realidade conforme a vontade daquele que “capta” a imagem através da câmera.

A construção das máscaras pelos alunos ocorreu em sala de aula, e atividade foi ainda permeada por conversas (família, interesses, atividades, introdução ao conteúdo, aqui o grupo começa a definir o roteiro e escolhe o lugar).

Com as máscaras prontas, o grupo saiu nos arredores do CAIC, uma área de natureza preservada entreaberta com matagais, para então exercitar o olhar, onde foi proposto ao grupo a visualização dos elementos da linguagem cinematográfica, tais como enquadramento, angulação e estética no registro cinematográfico. Retornando à sala, a turma passou ao estudo dos elementos de linguagem cinematográfica através do manuseio das câmeras a serem utilizadas para captação de imagens.

No segundo encontro, a turma dirigiu-se para sala de TV, onde foi exibido o filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, de Tim Burton, 2005, para que no mesmo a turma

1 MÁSCARA **16** FOT cobertura translúcida ou opaca com que se oblitera parte da superfície sensível, quando se tira ou imprime uma fotografia **17** FOT pedaço de papel escuro ou outro material não transparente que, colocado sobre o objeto que se deseja fotografar, ou entre o ampliador fotográfico e o papel a ser sensibilizado, delimita a área que deve ser reproduzida Fonte: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: 2001. Ed. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia

visualizasse os conteúdos apreendidos no encontro anterior. Os alunos reagiram positivamente, e ao longo da exibição, teciam pequenos comentários sobre o uso dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos na narrativa.

O terceiro encontro seguiu-se também na sala de Tv, para conclusão da exibição do filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, de Tim Burton, 2005, e após, o conteúdo em cinema passou a ser apresentado através de exemplos retirados do filme, bem como de exemplos feitos no CAIC.

A turma reuniu-se pela quarta oportunidade na sala de arte do CAIC e, retomando a conversa do primeiro encontro, passaram à criação coletiva do roteiro. Decidiram que o filme a ser feito seria do gênero *terror*, e que seriam utilizados os arredores do CAIC como alocação para filmagem. Resolveram sobre o argumento do filme e quais os personagens que participariam da trama. Uma das alunas propôs, e o grupo aceitou, que os diálogos seriam definidos no set, no momento da filmagem das cenas. O grupo organizou-se para a filmagem a ser feita no encontro seguinte, resolvendo que roupas, materiais, e outros acessórios utilizariam no desenrolar da trama.

No quinto encontro, a turma reunida na sala de arte, inicialmente repassou o roteiro, verificou o material trazido para ser utilizado nas filmagens, bem como o equipamento disponível para captação das imagens. Na seqüência, os alunos se dirigiram para o local escolhido como alocação, onde organizaram com qual a seqüência de cenas a serem filmadas e dispuseram o material no local. Passaram a tomar as imagens para narrativa, concluindo essa etapa quase que totalmente.

A turma reuniu-se na sala de multimídia do CAIC no sexto encontro, onde foi exibida uma apresentação em PP produzida pelo professor orientador, com a História do Cinema e TV, contada através do eixo de produção voltada para o público infanto/juvenil. Os alunos demonstraram grande interesse, principalmente pela evolução tecnológica que fora apresentada em conjunto com a evolução estética e ideológica dos programas e filmes produzidos ao longo da história. Após a apresentação, os alunos retornaram ao set de filmagem, e efetuaram algumas cenas complementares, necessárias ao item *continuidade2* do filme.

2- CONTINUIDADE - Seqüência lógica que deve haver entre as diversas cenas, sem a qual o filme torna-se apenas uma série de imagens, com pulos de eixo, ação e tempo. Há diversos tipos de continuidade: de tempo, de espaço, direcional dinâmica, direcional estática, etc. Fonte: <http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm>

Foi modificado o cronograma da aplicação dos conteúdos do projeto inicial, deixando o conteúdo “História do Cinema” para o encerramento do trabalho, a fim de primeiramente levar os alunos a conhecerem melhor os elementos da linguagem cinematográfica, para posteriormente, e já na posse desse conhecimento, visualizarem a evolução desse conteúdo através da história do cinema.

No sétimo encontro, a bolsista mediadora apresentou à turma o curta metragem *Pânico no Acampamento*, nome escolhido pela turma para o filme. O grupo manifestou-se positivamente quanto ao produto final da atividade, salientando que desejava dar continuidade ao trabalho, com a produção de outro curta metragem denominado *Pânico no Acampamento-parte II*. Após a exibição, foi dada ênfase aos elementos da linguagem cinematográfica utilizados na produção do curta, bem como feita uma avaliação pelo grupo quanto aos conteúdos apreendidos.

Durante a avaliação, a mediadora deu ênfase na importância da edição de imagens no processo de produção cinematográfica, o que provocou em alguns dos alunos presentes a vontade em manusear o programa de edição utilizado.

A mediadora demonstrou brevemente algumas ferramentas do programa Adobe Premier. O grupo recebeu orientações técnicas básicas sobre a utilização do referido programa, bem como discutiram as questões de *continuidade* resolvidas na edição.

APLICAÇÃO JUNTO AO PROJETO PINCELADAS EM ARTE- CCMAR- Ensino Médio

A pesquisa da aplicação da metodologia para alunos do ensino médio foi feita no CCMAR, junto ao referido projeto PINCELADAS EM ARTE. Foi utilizado o mesmo programa de atividades aplicado no ensino fundamental no CAIC, adaptando-se conforme as necessidades específicas da turma.

No primeiro encontro foram apresentados os objetivos da oficina, consistentes em trabalhar os elementos do cinema e sua produção, objetivando a produção de um curta metragem pela turma ao final. Na seqüência foi exibido o filme *Saneamento Básico*, de Jorge Furtado, 2007. A trama manteve a atenção da turma. Após a exibição, foram apresentados os elementos da linguagem do cinema ilustrando os mesmos com passagens do filme assistido. Foi distribuído aos alunos material impresso com o conteúdo sistematizado de forma clara e simplificada.

No encontro seguinte, a turma reuniu-se primeiramente na sala de informática da escola, onde os alunos, navegando na internet, visualizar exemplos de curtas metragens. Foi indicado para acesso o site www.terra.com.br, onde estava em exibição um curta metragem denominado *The girl e the gun*, dirigido por J. P. Miranda Maria, 2007, um suspense vencedor do Mobile Phone Movie Competition, concurso de filmes feitos pelo celular promovido pelo programa “*The Screening Room*”, da CNN.

Na seqüência, foram entregues aos alunos quatro câmeras digitais, sendo três fotográficas e um filmadora. Organizados em dois grupos, os alunos dirigiram-se para área externa do prédio do CCMAR, situado as margens da Lagoa dos Patos junto ao cais do Porto Velho da cidade do Rio Grande, onde puderam manusear as câmeras, inicialmente de maneira direcionada, ou seja, com as instruções da mediadora, e na seqüência, de forma livre, objetivando exercitar o olhar dos alunos.

Um dos grupos, após o manuseio direcionado e antes do manuseio livre das câmeras, começou a produzir um Curta. Em conjunto, quatro alunos decidiram um roteiro breve, que contava a estória de duas amigas e uma traição amorosa. Questionaram a mediadora sobre a possibilidade de levarem a cabo o projeto. Assim, diante da espontaneidade do grupo, a mediadora alterou o cronograma inicialmente estabelecido, com o que os alunos passaram a filmar a trama amorosa antes mesmo de exercitarem livremente as câmeras. A este grupo, denominaremos Grupo de Produção A.

Os demais alunos seguiram com a proposta da mediadora, e passaram a utilizar as câmeras de forma livre. Após, retornaram para sala de projeção, onde passaram a conversar sobre o roteiro a ser filmado. Durante a conversa, os alunos expuseram suas idéias e algumas vontades pré-existentes. Decidiram que fariam um filme sobre artes marciais, mas precisamente sobre a arte do Kung-fú, e partiram na definição do roteiro a partir do nome *Dragão Negro e a saga do Ovo Dourado*. Decidiram alguns detalhes a serem utilizados nas filmagens, como máscaras, roupas e outros acessórios. Denominaremos este grupo como Grupo de Produção B.

No terceiro encontro, a turma se reuniu na sala de projeções onde inicialmente foram exibidas as experiências com as câmeras filmadas no dia anterior. Também foram visualizadas as cenas filmadas para produção do curta metragem do Grupo de Produção A, que já havia iniciado a captação de imagens. Após, o Grupo de Produção A deu seqüência ao trabalho passando a filmar cenas complementares.

O Grupo de Produção B passou a discutir as idéias levantadas no dia anterior para o roteiro de um filme que abordasse o Kung-fú. Verificaram o material trazido para

produção, e definiram um argumento inicial. Dirigiram-se para os arredores do Centro, onde passaram a filmar as cenas. O Grupo de Produção B interagiu com diversas pessoas que passavam aos arredores do Centro, fazendo tomadas com pescadores que se encontravam junto ao cais do Porto Velho e com motoristas de ônibus que estacionavam seus veículos. Os alunos desenvolveram e filmaram parte da estória, restando o desfecho para ser filmado no próximo encontro, que foi definido e ensaiado pelos participantes.

No quarto e último encontro da turma chovia muito, em oposição aos dias ensolarados que propiciaram aos Grupos de Produção tomadas externas. Assim, o Grupo de Produção B, que produzia o filme sobre kung-fú decidiu modificar o final da trama, uma vez que não seria possível efetuar as filmagens externas anteriormente decididas devido à inexistência de equipamento de filmagem adequado ao clima. O Grupo de Produção A, como já havia concluído suas filmagens no dia anterior, integrou-se a este e passou a colaborar na produção do curta-metragem sobre kung-fú, ainda inacabado.

A turma definiu as novas alocações a serem utilizadas, bem como novos elementos foram adicionados a trama. O trabalho seguiu-se de maneira dinâmica, e com boa interação dos participantes.

Não foi possível fazer a edição do filme, tendo em vista que a turma resolveu fazer dois curtas-metragens o que tomou mais tempo do que o esperado.

RESULTADOS e METAS ALCANÇADAS:

Ao longo da aplicação, considerada esta a própria pesquisa, o projeto possibilitou a mediadora o desenvolvimento de métodos alternativos de abordagem em sala de aula do conceito de cinema, suas técnicas e sua história.

A metodologia buscou a contextualização dos conteúdos ao ambiente dos educandos (escolas) (Conjunto de Figuras 01), utilizando este como fonte primordial de imagens capazes de exemplificar os conteúdos propostos.



Conjunto de figuras 01: Frames captados das imagens produzidas no CAIC que serviram de exemplo para os conteúdos propostos.

O exercício do olhar feito através de máscaras (Figura 02) delimitadoras construídas pelos alunos, sem o uso inicial da tecnologia, procurou desmistificar os conceitos, ilustrando aos educandos que o olhar não necessita da mediação de uma câmera para extrair da realidade um recorte imagético.

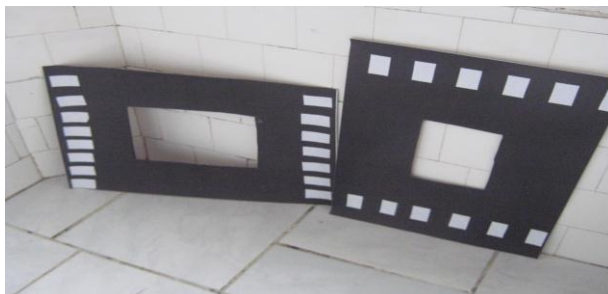


Figura 2: Máscaras produzidas pelos alunos para exercício do olhar.

A busca por filmes (Figuras 03 e 04) a serem exibidos para os alunos foi cuidadosa. As escolhas atingiram seus objetivos plenamente, pois foram capazes de centrar a atenção dos educandos, conduzindo-os ao entendimento da linguagem cinematográfica de forma lúdica e prazerosa, o que proporcionou desenvolver os conteúdos sobre cinema propostos inicialmente, tais como noções de direção, enquadramentos, fotografia, som e iluminação, conteúdos estes utilizados na produção do curta metragem.



Figura 3: cartaz do filme A Fantástica Fábrica de Chocolate. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/fantastica-fabrica-de-chocolate/>



Figura 4: cartaz do filme Saneamento Básico. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/saneamento-basico/>

Os produtos finais consistentes nos *curtas metragens* desenvolvidos pelos grupos, ainda que tragam roteiros considerados *estilemas*³, ou até mesmo *estereotipados* de

3- ESTILEMA: termo com que por vezes se designa um traço ou constante estilística. Fonte <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=11055>

roteiros para muitos, trouxe a baila o mundo que compõe o imaginário do público alvo, demonstrando a sua validade enquanto ferramenta metodológica capaz de mediar as narrativas dos educandos para a recriação da própria realidade.

Verificou-se o aprimoramento da capacidade de trabalho em grupo em muitos dos alunos envolvidos, o que se deu através da valorização da identidade e da experiência de cada educando envolvido no processo, considerando o papel da arte como instrumento social (VYGOTSKY, 2001).

Diante da roteirização coletiva sem um tema pré-definido pela mediadora, foi possível aos educandos o desenvolver da capacidade imaginativa, tendo em mente o conceito Vigotskyniano de *imaginação* como base da produção simbólica, condição para a criação de metáforas.

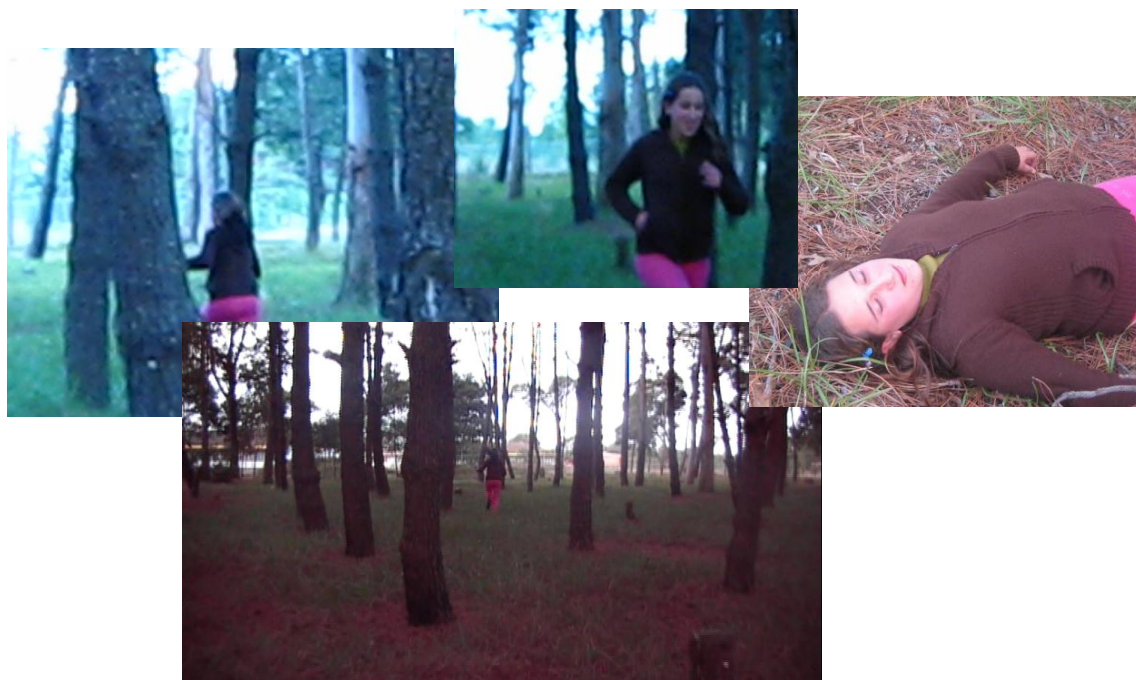
A inversão feita no projeto quanto aos conteúdos, ou seja, a colocação da história do cinema ao final, e não como material introdutório da abordagem do conteúdo, proporcionou aos alunos do CAIC verificarem o salto tecnológico com maior clareza. Ao assistirem a apresentação em PP sobre a História do Cinema ao final do programa, após as diversas abordagens do conteúdo propostas pela mediadora, ou seja, já estando familiarizados com a atualidade, os alunos puderam compreender a evolução histórica do surgimento do cinema até os nossos dias.

A complexidade envolvida na produção de um curta metragem em grupo, proporcionou aos alunos o desenvolvimento do conceito de organização coletiva, tolerância e participação efetiva diante do grupo (Conjunto de figuras 05).



Conjunto de figuras 05: Frames retirados das imagens captadas para produção do curta metragem pelos alunos do CAIC.

A necessidade de estudo da continuidade das cenas (Conjunto de figuras 06), ajudou a desmascarar o processo de edição, demonstrando aos alunos a existência da linguagem oculta do cinema, colocando-os na condição de melhor observar as imagens midiáticas que lhes são fornecidas diariamente, e que de forma banalizada, muitas vezes passam despercebidas, mostrando que estas além daquela mensagem óbvia registrada, possui um tanto da verdade do realizador, do direcionamento desejado pelo realizador.



Conjunto de figuras 06: Frames extraídos das imagens captadas pelos alunos para produção do curta metragem *Pânico no Acampamento*, os quais demonstram a continuidade das cenas produzidas.

A aplicação do projeto para alunos em faixa etárias distintas, portanto em fases de desenvolvimento psico-sociais diferenciadas (LOWENFELD, 1970), fez com que a mediadora adaptasse as atividades a cada caso, exercitando na mesma a maleabilidade e adaptabilidade necessárias ao educador contemporâneo.

O fato de maior relevância verificado após a aplicação do projeto consiste na continuidade da produção audiovisual por alguns alunos, demonstrando a apreensão dos conteúdos e a emancipação dos educandos frente ao seu processo ensino/aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao abordar os conteúdos em arte propostos para o projeto, o desenvolvimento da metodologia tomou por ponto de partida o cotidiano imagético composto pelo ambiente escolar dos alunos envolvidos no processo, onde as imagens ilustrativas da linguagem

cinematográfica foram captadas. Com isso, a metodologia proporcionou aos alunos construir seu próprio conhecimento e senso crítico através da leitura de mundo, consistente em observar e ler o seu próprio cotidiano, a sua própria experiência enquanto indivíduo.

Os exercícios do olhar feitos com as máscaras delimitadoras e com as câmeras e que também utilizaram as imagens do cotidiano escolar dos alunos, foram relevantes como ferramentas de apropriação dos conteúdos propostos, em um processo de retroalimentação entre o ver e o fazer, onde o ver ocorreu nos exemplos pré-filmados pela mediadora e o fazer na experimentação do olhar cinematográfico nas atividades propostas.

Freire (1999) propôs um método, técnicas e ferramentas que pudessem ajudar os alunos a construir seu próprio conhecimento e senso crítico a partir de uma sistemática de construção. A problemática e os mecanismos para levar os alunos à condição de aprender criticamente partiram da identificação de *palavras geradoras* significativas, relevantes ao cotidiano dos alunos e à área da temática. A dinâmica do método consiste no crescente fluxo estabelecido entre a *leitura do mundo* e a aquisição das ferramentas que possibilitam uma releitura do mundo mais ampla.

Segundo Freire (FREIRE; BETTO, 1999, p.15), este método conduz a um contínuo processo de transformação:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para mim, implicam “reescrever” o mundo [...] quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos sempre, à leitura de novo do mundo.

De acordo com Freire, o senso crítico do aluno é estimulado na medida em que ele dispõe de ferramentas e mecanismos que permitam que ele aprofunde cada vez mais sua leitura e releitura do *mundo*, neste caso as ferramentas são as *palavras* e o mecanismo o *apreender ao fazer*. No caso da metodologia desenvolvida ao longo do projeto para aplicação da linguagem cinematográfica em sala de aula, as ferramentas são os exemplos imagéticos cotidianos dos alunos, e o mecanismo o mesmo intuído por Freire.

Como ferramentas no processo de leitura e releitura de mundo, também podemos citar o conteúdo propriamente dito. Partindo dos exemplos cotidianos de imagem, os alunos foram instrumentalizados com o conteúdo em arte proposto. Entende-se que a pesquisa da metodologia para aplicação dos conteúdos de cinema da disciplina de artes visuais na escola, está interligada com a criação e eficácia dos meios empregados para

trabalhá-los, voltada nesse caso para os eixos norteadores visados nos PCNs que são: produzir, apreciar e contextualizar as artes. A metodologia aplicada (visualizar a linguagem através de exemplos cotidianos de imagem, apreciar um filme e produzir um curta) atendeu os eixos citados.

Com a referida instrumentalização do aluno com os conteúdos propostos, desmistificando a linguagem e a produção cinematográfica, estes passaram a ver a imagem de maneira diversa da até então experimentada, passando a entender essa, no dizer de Marcel Matin (LISBOA, pág, 27, 2005), como :

(...) o elemento de base da linguagem cinematográfica. Ela (a imagem) é a matéria-prima fílmica e, simultaneamente, uma realidade particularmente complexa. A sua genes é, com efeito, marcada por uma ambivalência profunda: é o produto da actividade automática de um aparelho técnico capaz de reproduzir exacta e objectivamente a realidade que lhe é a apresentada, mas ao mesmo tempo esta actividade é dirigida no sentido preciso desejado pelo realizador. A imagem assim obtida é um dado cuja existência se coloca simultaneamente em vários níveis da realidade (...)

Assim, o processo provoca a leitura de mundo, remetendo a leitura de novo do mundo, onde o senso crítico do aluno foi efetivamente estimulado, permitindo que ele aprofunde cada vez mais a sua própria leitura e releitura do *mundo*, e, no caso dos conteúdos propostos, através da leitura e releitura das imagens.

A convivência dos alunos e os modos de colaboração proporcionados pela complexa estrutura da produção cinematográfica proporcionaram um visível desenvolvimento dos indivíduos envolvidos, que pode, então, ser atribuído a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) criada pela metodologia. A ZDP, conceito criado pelo psicólogo Levi Vygotsky, consiste na:

distância que medeia entre o nível actual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade actual de resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com os pares mais capazes.

Na verdade a ZDP é um espaço de confluência de oportunidades para a aprendizagem, sendo necessário que o professor prepare, conceba e ponha em prática tarefas de ensino e aprendizagem que potencializem essa confluência. O conteúdo de produção cinematográfica opera essa confluência de maneira potencializada.

Segundo Daniels (1996, pág.6) as características de um ambiente de ensino/aprendizagem criado pela ZDP estabelece condições aptas para a integração do indivíduo ao social: “O ZDP estabelece uma situação que reuni o social ao indivíduo. As denominadas ‘ferramentas psicológicas’ estão exatamente no ZDP, especialmente a fala que, entre outros signos, tem uma função de mediação”. (tradução do orientador).

Dessa forma, conclui-se que o pesquisa, através do desenvolvimento de uma metodologia em arte, proporcionou a leitura e releitura de mundo pelo aluno envolvido na produção cinematográfica proposta. Essa leitura e releitura, permeada pela reunião do indivíduo e o social proporcionada pela ZDP, mostraram-se como desencadeadoras do processo de conscientização e emancipação do educando, os objetivos iniciais do projeto, cristalizado no dizer de Paulo Freire (1999, pág 46) “Uma das tarefas mais importantes da pratica educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se.”

REFERÊNCIAS:

- DANIELS, H. (org.); et al. **Vygotsky**. 2.ed. London: Routledge, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, P.; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 10.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Álvaro Cabral(Trad.). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Ed. Dinalivro, 2005.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- TRIVINOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1987.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 105 p.